

“TORNAR-SE UMA PSICODRAMATISTA NEGRA”: por uma formação e direção reflexiva, antirracista e corporificada

Áquila Bruno Miranda¹

Luiz Felipe Viana Cardoso²

RESUMO

Este estudo teve como objetivo apresentar um relato de experiência do percurso de tornar-se uma mulher negra e diretora no psicodrama. Nesta escrita, apresento os meus primeiros encontros com o fazer psicodramático; os desafios de uma formação em psicodrama marcada pela pandemia e as interpelações produzidas pelo sociodrama realizado com um grupo de mulheres e estudantes negras. Para tanto, busco tecer diálogos iniciais entre o psicodrama e os feminismos negro e decolonial. A experiência relatada evidencia a necessidade de interrogarmos os lugares de neutralidade e objetividade do papel de diretor no sociodrama, bem como a urgência de construirmos uma direção interseccional, reflexiva, corporificada e localizada. Concluimos que é fundamental que os espaços de formação em psicodrama comprometam-se com a construção e o fortalecimento da luta antirracista. Além disso, a partir do sociodrama, foi possível analisar o papel da diretora que, a todo momento, foi interpelada pela sua identidade racial e pela sua história.

Palavras-chave: sociodrama; feminismo negro; feminismo decolonial; luta antirracista.

“BECOMING A BLACK PSYCHODRAMATIST”: for reflexive, anti-racist and embodied training and direction

ABSTRACT

The aim of this study was to present an experience report on the journey of becoming a black woman and a director in psychodrama. In this writing, I present my first encounters with psychodramatic practice; the challenges of psychodrama training marked by the pandemic and the interpellations produced by the sociodrama carried out with a group of black women and students. To this end, I seek to weave initial dialogues between psychodrama and black and decolonial feminisms. The experience reported highlights the need to question the neutrality and objectivity of the role of director in sociodrama, as well as the urgency of building an intersectional, reflexive, embodied and localized direction. We conclude that it is essential for psychodrama training spaces to be committed to building and strengthening the anti-racist struggle. In addition, using sociodrama, it was possible to analyze the role of the director, who was challenged at every moment by her racial identity and history.

Keywords: sociodrama; black feminism; decolonial feminism; anti-racist struggle

¹ Doutoranda em Psicologia Social do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Psicodramatista pelo Instituto Mineiro de Psicodrama. Professora Substituta da Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: aquilabruno@ymail.com. <https://orcid.org/0000-0001-9106-5907>

² Mestre em Psicologia Pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ. Psicodramatista pelo Instituto Mineiro de Psicodrama. Professor do curso de Psicologia do Centro Universitário UNA e do Centro Universitário Faminas Belo Horizonte. E-mail: luizfelipevcardoso@gmail.com <http://orcid.org/0000-0001-9375-3594>

Ser negra e psicodramatista (Aquila Bruno, 2021)

O palco
Lugar estranho, desejado, lugar do improviso!
Lugar do criativo,
Lugar do corpo que se movimenta.

Lugar da cena, do cuidado, da escuta, do acolhimento.
Lugar da parceria.
Lugar de muitas que se entrecruzam na diversidade de papéis.

Na direção do palco, a diretora se faz protagonista! Se faz viva! Humana!
Se faz voz!
A temida voz!
A temida direção que nos foi tirada!
A direção dos nossos desejos, corpos, território, vida!

A cena, o palco, os papéis dizem de nós! Para nós!
A cena, o palco, os papéis dizem de nós...do convite para o encontro, para o (re)encontro de ser voz!
De ser...
De ser...
De SER voz que escreve, narra, sente, chora...
EXPERIMENTA!

1 INTRODUÇÃO

Início esta escrita com uma poesia compartilhada no meu portfólio³, após a experiência de dirigir, pela primeira vez, um psicodrama na disciplina de grupo autogerido. As palavras escolhidas e anunciadas em versos expressam a intensidade de ocupar esse lugar tão temido e desejado durante a nossa formação: a direção da cena. Pautado em Bustos, Amato (2005, p. 207) afirma: “[...] o desenvolvimento de diretor em Psicodrama se dá por meio do contínuo aprender, ‘fazendo e vivendo’ Psicodrama no exercício dos diversos papéis: protagonista, ego-auxiliar, diretor e processador, e posteriormente o papel de coordenador do grupo autogerido”.

³ O portfólio foi utilizado durante a formação em psicodrama, para auxiliar no processo de aprendizagem das/dos estudantes. Desse modo, no final de cada encontro mensal, cada estudante elaborava um portfólio sempre dialogando com as experiências vivenciadas em sala de aula, com os aprendizados e a teoria moreniana.

Aqui, compartilho um recorte do meu Trabalho de Conclusão de Curso, defendido no ano de 2024, intitulado Nós, mulheres negras e estudantes universitárias, durante a pandemia da COVID-19: Desafios e resistências anunciadas pelo sociodrama, estudo que tinha como objetivo geral compreender, a partir dos diálogos entre o sociodrama e os feminismos negros e decoloniais, as percepções de mulheres universitárias negras acerca dos desafios e resistências vividas durante e após a pandemia da COVID-19.

Neste artigo, apresento as experiências de tornar-se e deixar-ser uma mulher negra e diretora no psicodrama, a partir dos meus primeiros encontros com fazer psicodramático; os desafios de uma formação em psicodrama marcada pela pandemia e as interpelações produzidas pelo sociodrama realizado com um grupo de mulheres negras universitárias.

Ao tecer esta escrita, busco dialogar com psicodramatistas que têm se comprometido com a luta antirracista e, ao mesmo tempo, faço um movimento de abrir novos campos de intersecções e diálogos entre o Psicodrama e as intelectuais feministas negras e decoloniais. Essa escolha vem no sentido de reafirmar as produções das mulheres negras para se pensar as relações raciais no Brasil, uma vez que, embora tenhamos inúmeras intelectuais negras, no campo científico dominante ainda conhecemos pouco de suas trajetórias e reflexões (Gonzaga; Carvalho; Souza, 2023; Lino; Mayorga, 2020).

O artigo está estruturado em duas partes. Na primeira parte, apresento os desafios de ser mulher negra e assumir a direção do sociodrama. Já na segunda parte, dedico-me a apresentar algumas provocações tecidas em um sociodrama conduzido por e com mulheres negras; além disso, nesse tópico compartilho caminhos iniciais para a construção de uma direção reflexiva, interseccional, antirracista, corporificada e localizada.

2 ERGUER A VOZ E OCUPAR O PALCO: tecendo caminhos para uma direção antirracista

O sociodrama foi criado pelo romeno naturalizado nos Estados Unidos Jacob Levy Moreno. Essa terapêutica das relações sociais começou a ser desenvolvida no período após a Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de “fortalecer a delicada rede de coexistência entre os vários grupos da sociedade pós-guerra” (Pereira; Silva, 2020, p. 49). Segundo Moreno (1992

apud Pereira; Silva, 2020), o sociodrama pode ser compreendido como um método de ação, que busca intervir nas relações intergrupais.

O psicodrama chega até mim em 2008, na graduação em Psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Por meio das parcerias realizadas entre o Instituto Mineiro de Psicodrama (IMPSI) e o centro acadêmico, sou provocada pelas inúmeras possibilidades de ofertar cuidado em saúde mental a partir do fazer-saber psicodramático. Já no ano de 2016, no mestrado em Educação, tenho a alegria de contar com o IMPSI para auxiliar na resolução de conflitos vividos por estudantes durante as ocupações estudantis na UFMG. Nesse espaço, mais uma vez, sou surpreendida com o compromisso ético político dos colegas do IMPSI, bem como com a potência do sociodrama para auxiliar em problemáticas sociais e políticas vividas por grupos e suas coletividades. Apesar dos diversos encontros com o psicodrama, apenas em 2019, inicio a minha formação na Pós-graduação em Psicodrama.

Todavia, no ano de 2020, fomos surpreendidas/os pela pandemia da COVID-19, problemática que trouxe a necessidade do isolamento social e produziu inúmeras urgências e adaptações: a necessidade de elaborar estratégias de cuidado para nos manter vivas/os, a força para cuidar das nossas comunidades, o medo de perder as nossas famílias, amigos e colegas, a intensidade do trabalho remoto para permanecer no emprego e um novo/estranho modo de viver o luto.

Diante desse complexo cenário, na pós-graduação, nós, estudantes do IMPSI, em parceria com as/os professoras/es, tivemos que aprender a construir/viver um psicodrama *online*. A turma XII precisou reinventar-se para seguir com o desejo de aprender o psicodrama, foi necessário forjar novos modos de interagir e de criar vínculos. Durante a nossa formação, nos anos de 2020 e 2021, por meio de fazer espontâneo e criativo, construímos outros caminhos para ocupar o palco e nos tornarmos protagonistas, ego auxiliar e diretor/diretora. Portanto, foi no contexto de crise sanitária e de crise de governança, que gerou a morte de centenas de pessoas, que tive/tivemos que conviver com o medo e ousar sonhar, experimentar e aprender a ser psicodramatista.

Ao trazer a experiência de ocupar o papel de diretora, busco refletir sobre o lugar da direção no sociodrama, bem como compartilhar as interpelações produzidas pelo meu lugar de mulher negra. No período da formação em psicodrama, temia não dar conta de ocupar o palco e dirigir uma cena. Em uma turma majoritariamente branca e uma formação com um currículo com

poucas referências negras, em vários momentos, apesar do acolhimento e das diversas parcerias construídas com a minha turma e professoras/es, sentia um grande desconforto de ir para o palco, de expor e movimentar o meu corpo negro. Um corpo-território que, durante muitos anos, buscou saídas pautadas em um papel conservado, no qual o branqueamento do meu saber, dos meus traços negroides, da minha identidade e da minha história pareciam os caminhos possíveis para existir em uma sociedade marcada pelo racismo.

As intelectuais negras Paula Gonzaga, Karla Carvalho e Grazielle Souza (2023, p. 4) afirmam que:

A brancura – e a branquitude – da Psicologia não se restringe ao aspecto estético. Está submersa em racismo epistêmico que legitima e reproduz o pensamento de alguns homens brancos do norte-global (Grosfoguel, 2016), enquanto interdita saberes afrodiaspóricos e pindorâmicos através de práticas epistêmicas.

Durante as aulas, sentia incômodo de ter o meu cabelo tocado, bagunçado, ver o meu corpo movimentar-se, ter o meu sorriso e nariz alargados. Apesar de afirmar positivamente o meu corpo-território negro, o sociodrama ecoou memórias e desconfortos vividos por muitas/os negras/negros no território brasileiro. O palco parecia se mostrar aberto para receber a cena, mas o meu corpo coletivo e político parecia dizer que ali eu poderia estar em risco, poderia ser exposta, poderia ser mais uma vez interdita.

Ao pesquisar as experiências do corpo e do cabelo negro como símbolos da identidade negra, a intelectual afrodiaspórica Nilma Lino Gomes (2019, p. 138) afirma:

A rejeição do corpo negro pelo negro condiciona até mesmo a esfera da afetividade. Toca em questões existenciais profundas [...] esse processo conflitivo é construído socialmente, vivido e aprendido no grupo, na família. Por isso, mesmo quando se nasce em uma família que afirma e valoriza a cultura negra, esse aprendizado pode ser confrontado socialmente pela imagem do negro veiculado na mídia [...]. Mas o que, realmente, caracteriza esse conflito? Não é só a construção de um sentimento de rejeição ao corpo, ao cabelo e aos aspectos culturais negros. É a presença de uma tensão, de um sentimento ambíguo, que, ao mesmo tempo, rejeita, também aceita esse mesmo corpo, esse mesmo cabelo, essa mesma cultura [...] O processo tenso e conflituoso de rejeição/aceitação do ser negro é construído social e historicamente e permeia a vida desse sujeito em todos os seus ciclos de desenvolvimento humano: infância, adolescência, juventude e vida adulta.

Para Grada Kilomba (2019), o racismo cotidiano não é um evento violento que se manifesta de forma isolada em uma biografia individual, mas ele se faz por meio do acúmulo de

situações violentas que expressam um padrão histórico de opressões raciais, que se manifestam nas profundas marcas produzidas pelos horrores da violência racista: esta encontra-se presente no cotidiano, nas memórias coletivas que constituem o trauma colonial.

Ainda conforme essa autora, a experiência do racismo não pode ser “[...] compreendida cognitivamente e a ela ser atribuído um sentido. Em vez disso, ela permanece não processada, como não conhecimento [...], porém, sentida no corpo” (Kilomba, 2019, p. 162). A linguagem do trauma deve ser escutada por meio das sensações corporais, que são expelidas para o exterior e inscritas no corpo, de modo físico, gráfico e visual.

Os conflitos e os sentimentos ambíguos de rejeição/aceitação do meu corpo negro chegaram ao palco e marcaram o meu olhar para o psicodrama. Nas aulas, nas cenas e nos portfólios pulsavam em mim a urgência e a importância de tecermos um psicodrama comprometido com a luta antirracista. Uma direção que se faça política, interseccional e decolonial.

3 PARTILHAS E INTERPELAÇÕES FORJADAS POR UM SOCIODRAMA TECIDO POR E COM MULHERES NEGRAS

As reflexões que apresento a seguir são orientadas pelas seguintes questões: É possível descolonizar o papel do diretor/a no palco do sociodrama? Quais caminhos precisamos forjar para que o sociodrama se faça político e comprometido com a luta antirracista?

Conforme a intelectual negra, brasileira e psicodramatista Maria Célia Malaquias (2020), o palco psicodramático oferece ferramentas importantes para compreender o impacto do racismo estrutural nas relações sociais. Para o sociólogo negro Guerreiro Ramos, citado por Malaquias (2020), o sociodrama é um potente instrumento para intervir e refletir sobre contextos marcados por preconceitos, sobretudo raciais. Guerreiro Ramos é considerado um psicodramatista pioneiro no cenário brasileiro, uma vez que ele buscou, por meio Teatro Experimental do Negro (TEN), intervir nas questões raciais articuladas a grupoterapia, ao sociodrama e psicodrama (Malaquias, 2020).

Apesar das possibilidades anunciadas pelo psicodrama, Malaquias (2020) e Davi Merengué (2020) apontam para a necessidade de a/o psicodramatista assumir o compromisso de dismantelar a silenciosa história de violência que marcam os sujeitos que ocupam a margem.

Gonzaga, Carvalho e Souza (2023) salientam que o compromisso com uma escuta antirracista coloca a urgência de romper com as concepções homogêneas direcionadas à população negra. Concepções que, ao longo da história do Brasil, produziram imagens de controle que limitam a/o negras/os a lugares de subalternidade e ausências e, ao mesmo tempo, apontavam a branquitude como parâmetros de existência, saúde, beleza e intelectualidade.

Diante dos desafios ecoados pelos “novos” sujeitos que têm ocupado o palco do sociodrama, aqui compartilho algumas pistas construídas a partir da experiência de dirigir um grupo de sociodrama com mulheres negras. Ao buscar identificar as percepções de universitárias negras, acerca da permanência no ensino superior público após a pandemia da COVID-19, realizei três sociodramas *online*, com duração de 1h30 cada; o grupo contou com seis estudantes do sexo feminino, com idade entre 21 a 29 anos, sendo que todas autodeclararam-se negras, segundo os critérios do IBGE (parda ou preta).

Saliento que, nesta escrita, busco partilhar as interpelações que esse encontro produziu na minha formação como diretora. Uma vez que, ao propor o desafio de pesquisar mulheres negras, a partir do meu lugar de mulher negra, encontrei um espaço fértil não apenas por ele questionar a suposta neutralidade científica do psicodramatista (Mariângela Wechsler, 2018), mas também por possibilitar pensar-fazer-sonhar uma direção a partir da margem, um lugar onde a diretora se torna protagonista.

Durante os sociodramas realizados para pesquisa, fui surpreendida com a proximidade entre as narrativas das participantes, as histórias vividas por mim para acessar e permanecer no ensino superior público e também fui provocada e convidada a estar na cena, a desvencilhar-me do lugar do pesquisador hegemônico e do diretor silencioso e assumir o lugar de ser nós. Essa experiência gerou o seguinte questionamento: não seria o/a diretor/a, com ou sem a presença do ego-auxiliar, um diretor/a-protagonista e ou coautor com grupo?

Aqui, não busco responder e/ou validar essa problemática, mas anunciar e denunciar que a suposta neutralidade da direção produz e reafirma máscaras de silenciamentos construídas pela colonialidade. A direção dos sociodramas tecido POR e COM mulheres negras evidenciou que uma direção silenciosa não é uma opção para o meu corpo negro, uma vez que, enquanto permanecemos na margem, emudecidas, nossas irmãs e nossos iguais são violentados, nossos filhos são mortos e o nosso território expropriado (Lorde, 2019). Por isso, como mulher negra, na direção desse grupo, assumi os riscos de aprender a ser diretora-protagonista, de descobrir as

possibilidades de um cuidado antirracista e corporificado em parceria com as narrativas de mulheres negras.

Em um contexto de desigualdades e de naturalização do genocídio e epistemicídio das populações negras e indígenas, a experiência de encontrar com mulheres negras no palco psicodramático, evidencia a urgência do papel do/da diretor/a se fazer político, interseccional e que se oponha à suposta neutralidade dos processos de fazer pesquisa e de cuidado. Desse modo, o fazer-ser diretora protagonista, a partir de uma perspectiva antirracista, é aprender a falar apesar do medo, é buscar romper as máscaras de silenciamento da direção da cena.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, busquei apresentar as experiências de tornar-se e deixar-ser uma mulher negra e diretora no psicodrama, a partir dos meus primeiros encontros com fazer psicodramático; os desafios de uma formação em psicodrama marcada pela pandemia e as interpelações produzidas pelo sociodrama realizado com um grupo de mulheres negras universitárias.

O relato partilhado demonstra que a presença das experiências e dos saberes-fazeres de sujeitos negros nos cursos de psicodrama, as interpelações produzidas por Maria Célia Malaquias, Guerreiro Ramos e tantas/os outras/os, bem como as lutas do movimento negro brasileiro reeducam os currículos e as epistemologias que organizam a formação em psicodrama.

Os saberes estéticos, identitários e políticos anunciados por esse “novos” sujeitos apontam para a urgência de a ação psicodramática estar comprometida com a desconstrução das relações de poder que marcam o encontro entre o diretor e a/o protagonista, denunciam as imagens distorcidas, negativas e naturalizadas sobre a população negra e afirmam que os saberes-fazeres do povo preto são dispositivos emancipatórios e educadores de pessoas, grupos e instituições.

Por fim, o encontro entre a teoria e a prática morenianas com os feminismos negros e decoloniais geram fraturas e novas pautas para o ensino, pesquisa e extensão produzidas na formação em Psicodrama. Desse modo, considero que o palco psicodramático, comprometido com uma direção reflexiva, antirracista, interseccional e corporificada, aponta caminhos para o acolhimento e reconhecimento dos corpos-territórios afrodiaspóricos e pindorâmicos.

REFERÊNCIAS

AMATO, M. A. **Psicodrama no ensino do Psicodrama**. In: BUSTOS, D. M. O Psicodrama – aplicações da técnica psicodramática. 3. ed. São Paulo: Ágora, 2005. p. 201-235.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

GONZAGA, P.; CARVALHO, K. de Paula; SOUZA, G. K. Psicologia feminista e antirracista: uma experiência de extensão universitária junto à Coletiva Mulheres da Quebrada. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, Curitiba, v. 16, n. Edição Especial, 2023. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1592>. Acesso em: 20 out. 2024.

LINO, T. R.; MAYORGA, C. Psicólogas, cientistas e feministas: a produção de si e de uma ciência psicológica posicionada. **Revista Aedos**, 12(26), 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/96873>. Acesso em: 20 out. 2024.

LORDE, A. **Irmã outsider: ensaios e conferências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MALAQUIAS, M. C. Psicodrama e negritude no Brasil. In: MALAQUIAS, M.C. (org.). **Psicodrama e relações étnico-raciais: diálogos e reflexões**. São Paulo: Ágora, 2020. p. 57-82.

MERENGUÉ, D. Descolonizando o psicodrama: clínica e política. In: DEDOMENICO, A.C; MERENGUÉ, D (org.). **Por uma vida espontânea e criadora: psicodrama e política**. 1 ed. São Paulo: Ágora, 2020, p. 37-59.

PEREIRA, B., M. ; SILVA, N. . Episteme do Sociodrama na Revista Brasileira de Psicodrama. **Revista Brasileira de Psicodrama**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 47–57, 2020. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/267>. Acesso em: 20 out. 2024.

WECHSLER, M. P, da F. **Pesquisa qualitativa em Psicodrama**. V Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos. Foz do Iguaçu: SIPEQ, 2018.